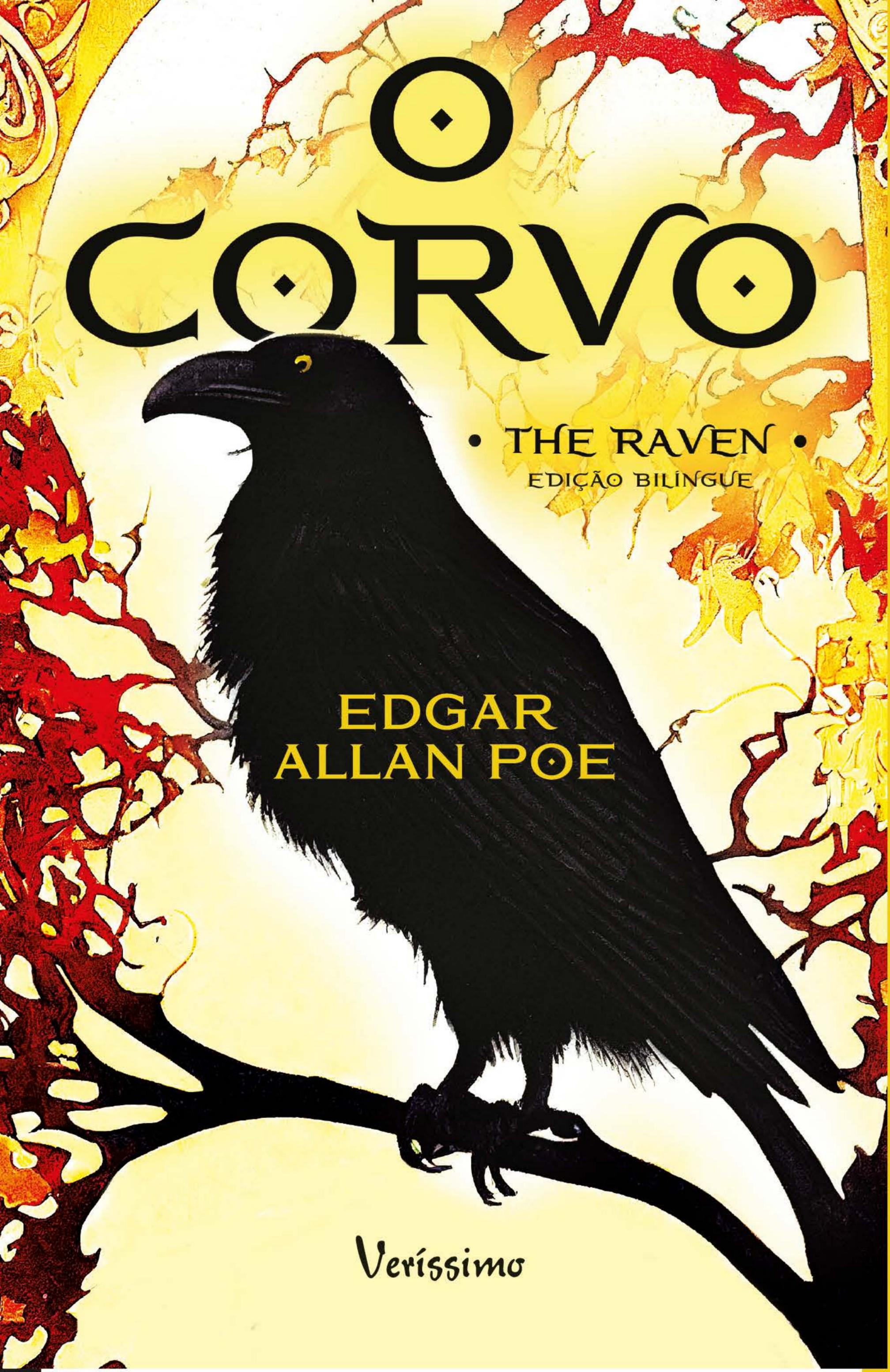


CORVO



• THE RAVEN •
EDIÇÃO BILÍNGUE

EDGAR
ALLAN POE

Veríssimo



O CORVO
THE RAVEN

Edgar Allan Poe

○ CORVO ○

• THE RAVEN •

Publicado pela primeira vez em 1845

Ilustrações de
James Carling

Tradução de
Thereza Christina Rocque Da Motta

Veríssimo





NOTA DA TRADUTORA

Edgar Allan Poe justificou que escreveu o poema “O Corvo” para provar que é possível fazer literatura apenas com o intuito de exercício, sem inspiração emocional, apenas seguindo regras de composição métrica.

Por mais distante que se esteja do assunto que escolhemos, há um fascínio pelo tema, que, de algum modo, nos comove, mesmo inconscientemente e, ao nos aproximarmos, percebemos quanto estamos próximos e quanto nos assombra.

A leitura deste poema me fascina desde os dez anos, quando tive chance de lê-lo numa aula de inglês e, de forma direta ou indireta, sempre voltamos ao mote “Nunca mais”, que Poe alinhava ao final de cada estrofe.

O poema construído em 108 versos divididos em 18 estrofes, já foi traduzido de todos os modos, em prosa, em verso, como soneto, com linhas mais longas ou mais curtas, dependendo do estilo escolhido pelo tradutor.

Entre estes tradutores estão Machado de Assis, Fernando Pessoa, Jorge Wanderley e Alexei Bueno, apenas para citar alguns, como constam da antologia de traduções de “O Corvo”, organizada por Ivo Barroso.

Estes e outros tradutores, além de Baudelaire e Mallarmé, para o francês, tentaram e conseguiram, de todo modo, traduzir para sua língua a melhor forma de compor este poema de

“efeito quase hipnótico” por sua estrutura, como diz Ivo Barroso, lançando mão de todos os recursos para que surtisse o mesmo resultado, ou o mais próximo dele. Porém, o que me atraiu em “O Corvo” não foi a dificuldade da tradução, nem a delicadeza de sua estrutura, formada de rimas internas, externas e aliterações, mas seu conteúdo sombrio, o hálito frio de sua narrativa, o ambiente assombroso em que o narrador, sozinho durante a noite, se depara com um estranho visitante, que lhe traz uma estranha mensagem.

A vida de Poe, que terminou drasticamente, sem maiores explicações aos quarenta anos de idade, por excesso de bebida e desregramento, somou-se ao mistério criado por sua própria obra, cheio de personagens e histórias soturnas. E para completar o clima, legou-nos este precioso poema, que, por si só, é uma cena fantasmagórica e assustadora, para nos falar um pouco do drama que o autor vivia. Podemos não encontrar correspondência completa entre vida e obra, mas algo de cada uma passa para o outro lado.

A tradução que fiz, menos formal, busca o mesmo clima tenso e instigante que o poema em inglês incita, com a ordenação de sentidos e palavras, respiração e ritmo, para que a narrativa se torne a mais fiel possível ao que Poe escreveu, deixando de lado o formalismo que o português não comporta. Mesmo a tradução mais festejada de Milton Amado, como aponta a antologia de Ivo Barroso, tem uma cadência austera e uma escolha de palavras que assusta o leitor.

O sentido, mais do que a forma, deve falar mais alto. É isso que busca o leitor que não domina um idioma, o que realmente um poema quer dizer. A beleza estética nunca está acima do sentido. E, da mesma forma que a beleza está no olho de quem vê, a leitura deve ser sobremaneira compreensível.

Thereza Christina Rocque da Motta



THE RAVEN

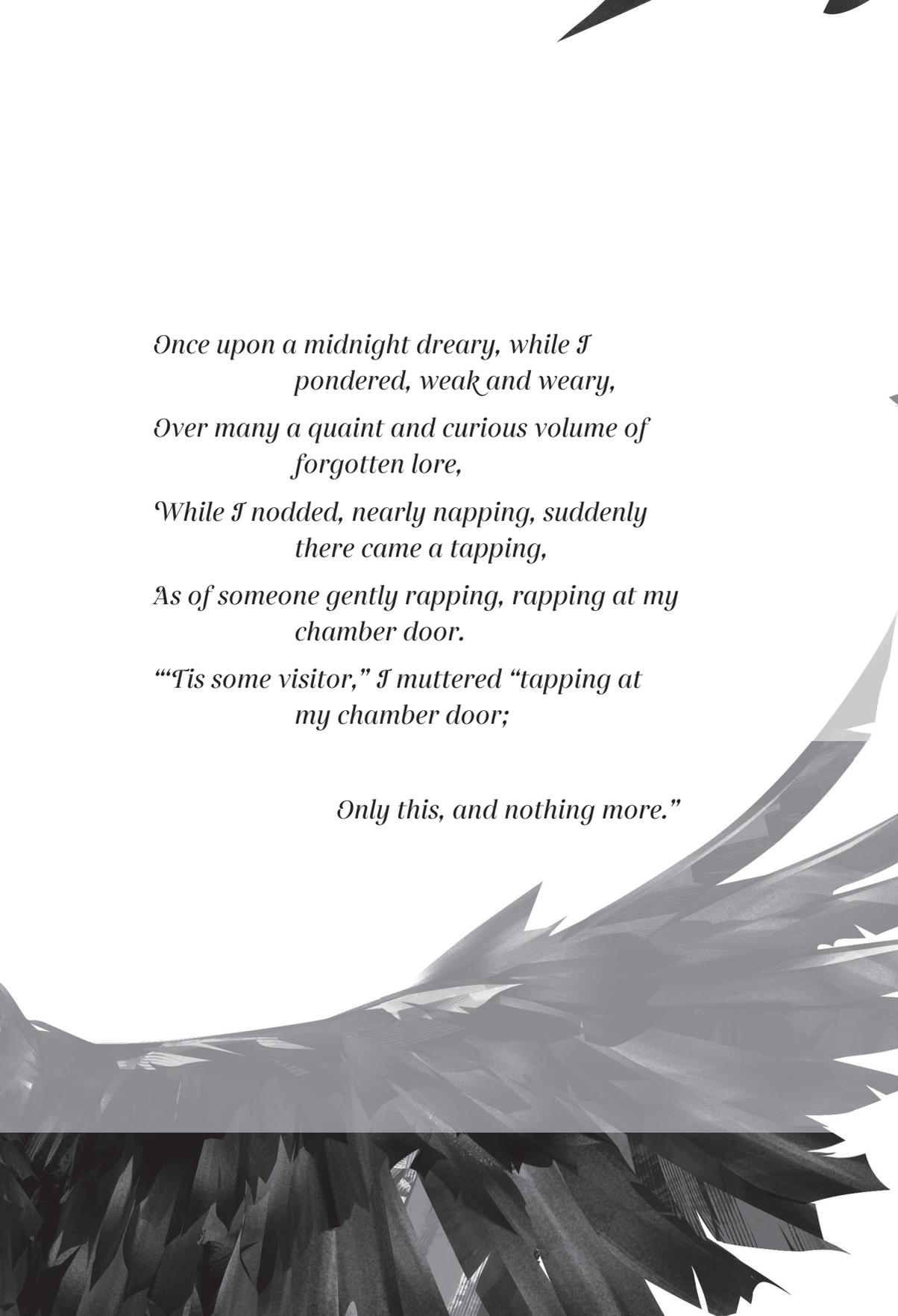


O CORVO









*Once upon a midnight dreary, while I
pondered, weak and weary,
Over many a quaint and curious volume of
forgotten lore,
While I nodded, nearly napping, suddenly
there came a tapping,
As of someone gently rapping, rapping at my
chamber door.
“Tis some visitor,” I muttered “tapping at
my chamber door;*

Only this, and nothing more.”

A large, stylized graphic of a leaf or feather, rendered in shades of gray, occupies the top half of the page. It has a central vein and several smaller veins branching off, creating a fan-like shape.

¶ Numa meia-noite assombrosa, enquanto
lia, fraco e fatigado,

¶ Quase adormecido, um curioso livro de
uma esquecida filosofia,

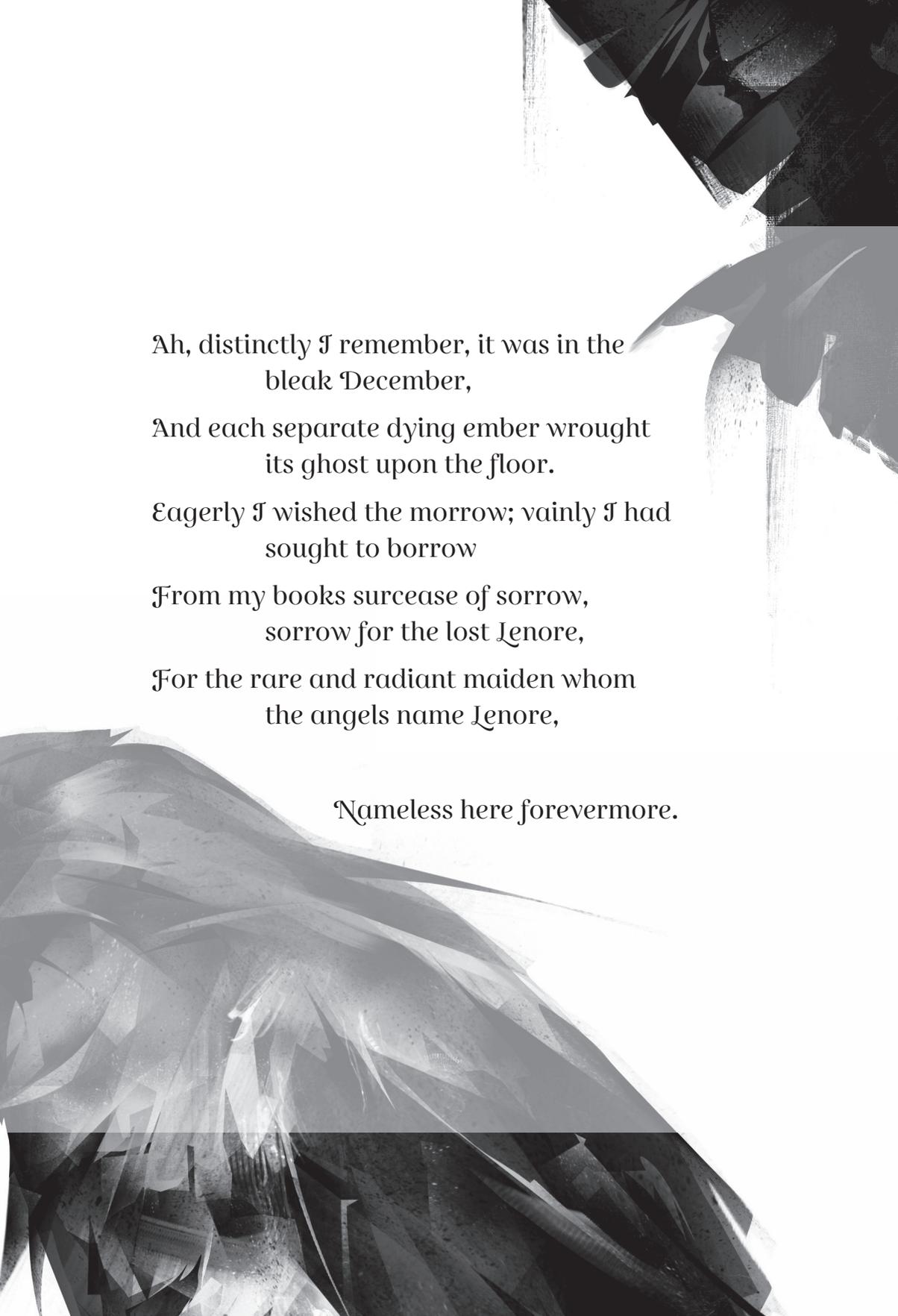
¶ De repente, ouvi um toque, uma leve
batida, roçando à porta do meu
quarto.

¶ “É um visitante”, murmurei, “que bate à
minha porta.

¶ Apenas isso, e nada mais”.







Ah, distinctly I remember, it was in the
bleak December,
And each separate dying ember wrought
its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow; vainly I had
sought to borrow
From my books surcease of sorrow,
sorrow for the lost Lenore,
For the rare and radiant maiden whom
the angels name Lenore,

Nameless here forevermore.



Ah, lembro-me claramente, era um lúgubre
dezembro,

E cada brasa que morria lançava uma
sombra no chão.

Súbito, ansiei pela manhã; em vão,
buscara, em meu livro,

Um alento para a minha dor — a dor de
haver perdido Lenore —

A rara e radiosa dama que os anjos
chamam Lenore —

Mas aqui não chamam mais.